

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 9 | Nº 27 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6000065>



## OS PRIMEIROS GRUPOS COMUNISTAS E O CENTENÁRIO DE FUNDAÇÃO DO PCB

*Michel Goulart da Silva\**

### Resumo

Neste ensaio são discutidos os primeiros passos de organização dos grupos comunistas no Brasil, que convergiram na fundação do PCB, em 1922. Discute-se a trajetória dos militantes, mostrando sua pluralidade de origens dentro do movimento operário. Para tanto, utilizam-se referenciais bibliográficos e, também, fontes diversas, como documentos de organizações políticas e da imprensa.

**Palavras chave:** Comunismo. PCB. Socialismo.

### Abstract

This essay discusses the first steps in the organization of communist groups in Brazil which have converged on the foundation of the PCB in 1922. The trajectory of the militants is brought into discussed showing the plurality of origins within the labor movement. bibliographic review has been used as well as different sources such as documents from political organizations and the press.

**Keywords:** Communism. PCB. Socialism.

Neste ano, um dos acontecimentos de maior importância histórica é a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), ocorrida em 1922. Sabe-se que, nas primeiras décadas do século, o marxismo era difundido de forma bastante limitada no Brasil. No período anterior à Revolução Russa, não se encontra “nenhuma análise, satisfatória ou não, do materialismo dialético, e o mais curioso, nenhuma tradução de trechos ou artigos de Marx e Engels” (CARONE, 2004, p. 34-35). Chegavam ao Brasil, em língua estrangeira, algumas das obras desses autores, especialmente em francês e espanhol, fazendo com que sua leitura estivesse restrita a pequenos grupos, dificultando às organizações operárias a elaboração teórica e política partindo do método de análise marxista. Embora alguns socialistas se dissessem marxistas, no geral eram “partidários de um socialismo evolucionista e reformista” (JOFFILY, 2012, p. 120).

Relacionado a essa limitação teórica, os partidos socialistas organizados durante a Primeira República defendiam um programa reformista, centrado em uma “transformação gradativa do sistema social existente”, que seria possível por meio “da ação política e do sufrágio, ou seja, a transformação social seria decorrente de reformas graduais e crescentes” (ADDOR, 2002, p. 69). Esse programa expressava, por um lado, a influência de setores do movimento republicano, como o positivismo, e, por outro, uma interpretação difusa do socialismo reformista desenvolvido na Europa pelos partidos ligados à Segunda Internacional.

\* Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Servidor do Instituto Federal Catarinense (IFC). E-mail para contato: [michelgsilva@yahoo.com.br](mailto:michelgsilva@yahoo.com.br)



Levando em conta a influência positivista e a difusão limitada do socialismo no Brasil, pode-se afirmar que o movimento operário brasileiro expressava formas de organização e ideologias muito mais complexas do que a simples adesão de militantes anarquistas ao marxismo, conforme se consolidou na historiografia. No processo de consolidação da República, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, manifestaram-se ideologias sociais das mais variadas, como o positivismo, o jacobinismo, o socialismo reformista, o anarquismo, o comunismo, entre outras. Soma-se a essas expressões ideológicas “o reforço das influências positivistas e evolucionistas no socialismo internacional da época (incluindo, depois, o próprio ‘marxismo-leninismo’ da III Internacional) que não abandonará tão cedo o pensamento socialista brasileiro” (ZAIDAN FILHO, 1989, p. 132-133).

Essa pluralidade também pode ser avaliada pela análise das trajetórias individuais de uma parcela de militantes que construíram o PCB, encarnando tradições, contradições e ideologias das mais diversas. Entre os fundadores ou membros que viriam a se incorporar ao partido, encontra-se militantes oriundos dos movimentos anticlerical (Everardo Dias) e tenentista (Luiz Carlos Prestes), além de ter um maçom entre os delegados do congresso de fundação do partido (Cristiano Cordeiro). A esses setores somam-se militantes oriundos do anarquismo ou do sindicalismo revolucionário, como Astrojildo Pereira, Joaquim Pimenta e Octávio Brandão.

O processo que levou à fundação está marcado principalmente pela influência da Revolução Russa. Como parte da sua influência sobre o movimento operário, que teve importantes lutas no período, começou a se organizar pequenos grupos comunistas em diferentes regiões do Brasil. Um dos primeiros grupos a ser fundado foi a União Maximalista, de Porto Alegre, em 1º de novembro de 1918. Em seu manifesto de lançamento, que conclamava os operários a seguir o exemplo russo, afirmava-se que “o mundo só deve ser daquele que produzem; e todo aquele que não produzir é parasita e como tal não lhe deixareis consumir vosso produto” (PETERSEN; LUCAS, 1992, p. 211). O referido documento, contudo, mostra um conhecimento limitado de informações acerca do processo revolucionário russo ou da dinâmica de transformação daquela sociedade. Fundada por Abílio de Nequete, a União Maximalista passou a se chamar Grupo Comunista de Porto Alegre, a partir de 1921.

Em 7 de novembro de 1921, com a presença de doze militantes, entre os quais Astrojildo Pereira, foi fundado o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, como “primeiro passo para a próxima e definitiva constituição do Partido Comunista brasileiro” (PEREIRA, 1922, p. 69). Entre os fundadores do Grupo Comunista estavam: Astrojildo Pereira, Antônio Branco, Antônio de Carvalho, Antônio Cruz Júnior, Aurélio Durães, Francisco Ferreira, João Argolo, José Alves Diniz, Luís Peres, Manuel Abril, Olgier Lacerda e Sebastião Figueiredo (DULLES, 1977, p. 143). O grupo decidiu pela “publicação de um mensário de doutrina e informativo sobre o movimento revolucionário internacional, intitulado



*Movimento Comunista*, o que de fato aconteceu, começando a sair logo em janeiro de 1922” (DIAS, 1962, p. 111). Foram publicados um total de vinte e quatro números da revista, até junho de 1923, com uma tiragem total de trinta e seis mil exemplares, numa média de mil e quinhentos exemplares por edição (REBELO, 2003, p. 35).

O Grupo Comunista do Rio de Janeiro buscou contato com militantes de outras cidades, divulgando as vinte e uma condições para a adesão dos partidos na Terceira Internacional (IC) e recomendando a formação de outros grupos comunistas. Entre as condições defendidas pela IC, seria possível destacar o fato de que toda organização desejosa de aderir à Internacional Comunista deveria afastar de suas posições os dirigentes comprometidos com o reformismo; que o dever de propagar as ideias comunistas implicaria a necessidade absoluta de conduzir uma propaganda e uma agitação sistemática e perseverante; que todos os partidos desejosos de pertencer à IC deveriam romper completamente com o reformismo e a política do centro, que todo partido deve realizar uma propaganda perseverante e sistemática nos sindicatos; que devem ser construídos com base no princípio do centralismo democrático; que devem defender todas as repúblicas soviéticas nas suas lutas com a contrarrevolução; que devem modificar o nome e se intitular “Partido Comunista” (CARONE, 1989, p. 93).

Nos meses seguintes foram criados grupos comunistas no Recife, Juiz de Fora e Cruzeiro (São Paulo). Convergiu no processo de construção do PCB uma grande quantidade de grupos regionais, com dinâmicas e características diversas. Edgard Carone ressalta que “o fato de pulularem em regiões geograficamente distantes prova que há uma demanda social comum a todo o Brasil, e é isto que irá explicar o caráter nacional que tomará o PCB” (CARONE, 1989, p. 89). Um dos exemplos mais significativos desse caráter nacional vem no Recife, onde contribuíram para a formação do partido a publicação do jornal *A hora social* (1919) e a estruturação do Centro de Estudos Sociais. Cristiano Cordeiro, um dos articuladores da criação do PCB em Recife, assim narrou o processo:

Correspondi-me em 1921 com Astrojildo Pereira que, no Rio de Janeiro, editava o jornal *Spártacus*. Conhecíamos-nos somente de ideias. Combinamos criar, ele no Rio de Janeiro e eu no Recife, embriões de futuros comitês do partido. Como eu já atuava no meio sindical, não tive dificuldades de atrair os operários mais aguerridos. Assim, se comprometeram com ele, entre outros, o carvoeiro Joaquim Francisco, o padeiro José Caetano Machado, o pedreiro José Amaro, o estivador Pedro Lira e até pequenos burgueses como o farmacêutico Pedro Coutinho. O Grupo Comunista do Recife estabeleceu-se no dia 1º de janeiro de 1922, com uma reunião realizada em minha casa na Rua da Concórdia. Li, na ocasião, os chamados “21 pontos de Moscou”, condição para adesão à Internacional Comunista. A ata de fundação foi assinada por cerca de 35 pessoas que decidiram, ainda, que eu seria o delegado de Pernambuco ao encontro para a criação do PCB (CORDEIRO, 1982, p. 83).



Realizado entre os dias 25 e 27 de março de 1922, no Rio de Janeiro, o congresso de fundação do PCB foi o resultado do “esforço de lideranças e facções dos movimentos operários de diversas partes do país” (CARONE, 1989, p. 90). O bolchevismo parecia ganhar, pouco a pouco, o apoio de setores da vanguarda operária, devido a um conjunto de fatores, como a simpatia pela Revolução Russa e a cisão ocorrida nas correntes anarquistas, o processo de reorganização do movimento operário, a criação dos grupos comunistas, entre outros. Parece que a iniciativa surgiu do Grupo Comunista de Porto Alegre, que teria escrito ao grupo do Rio de Janeiro sobre a necessidade “de se realizar, o mais cedo possível, um congresso nacional para a organização do partido comunista a tempo de ser representado no Quarto Congresso Mundial da Terceira Internacional” (DULLES, 1977, p. 146).

O anúncio oficial da fundação do PCB se fez por meio da revista *Movimento Comunista*, de junho de 1922. O congresso, realizado em março, contou com a presença de nove delegados, representando um total de setenta e três membros, com delegados eram oriundos dos núcleos do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (CHILCOTE, 1982, p. 57). Os delegados eram Abílio Nequete (barbeiro), Astrojildo Pereira (jornalista), Cristiano Cordeiro (funcionário público), Hermogênio Silva (eletricista), João da Costa Pimenta (gráfico), Joaquim Barbosa (alfaiate), José Elias da Silva (funcionário público), Luis Peres (artesão), Manuel Cendón (alfaiate). Entre os delegados do congresso de fundação, não eram brasileiros natos Manuel Cendón, espanhol, e Abílio Nequete, libanês (BARTZ, 2008, p. 159; BRANDÃO, 1978, p. 224).

Considerando a trajetória dos delegados, percebe-se que em sua maioria os militantes eram oriundos do anarquismo. Contudo, há igualmente trajetórias que não se enquadram nesse perfil. Manuel Cendón, acerca do qual não existem muitas informações, seria “o único advindo de fileiras socialistas”, dominando “de forma rudimentar o marxismo” (VINHAS, 1982, p. 6). Um personagem com uma trajetória bastante peculiar é Abílio Nequete, cujo vínculo com o catolicismo teria sido um motivo de choque com organizações anarquistas (BARTZ, 2008, p. 163). Essa falta de relação com os anarquistas é confirmada por um dos contemporâneos de Nequete. Octávio Brandão (1978, p. 243) dizia que Nequete, um “fanfarrão e charlatão”, além de despejar “a cada momento, fora de propósito, citações de Lênin, extraídas de más traduções espanholas”, “sentia um ódio furioso dos anarquistas”.

Outra trajetória bastante diversa foi a de Cristiano Cordeiro. Embora tenha participado de organizações operárias associadas ao anarquismo, nunca fez parte dessa corrente (ZAIDAN FILHO, 1985, p. 31). Cordeiro era maçom, em um período em que alguns setores da Maçonaria apontavam certa simpatia pelo socialista, ainda que por sua versão reformista (SILVA, 2022). Esse setor da Maçonaria parece ter em grande medida se aproximado do socialismo por conta de sua inserção no movimento



anticlerical, como é o caso do também maçom Everardo Dias, que viria aderir ao PCB pouco depois da fundação do partido (SILVA, 2014, 2016).

Portanto, embora os militantes que fundaram o PCB tenham sua origem principalmente no anarquismo e no sindicalismo revolucionário, militantes com outras trajetórias teóricas e políticas também convergiram nesse processo. De um lado, há a aproximação com o comunismo de militantes oriundos de correntes republicanas afinadas com o positivismo, em especial os militantes oriundos do movimento anticlerical. Por outro lado, há também alguns militantes que têm sua origem nas pouco influentes e esparsas tentativas de organização socialista, portanto, setores influenciados pelo marxismo da Segunda Internacional. Contudo, ao analisar a trajetória dos militantes e das organizações que convergiram na fundação do PCB, percebe-se a decisiva influência da Revolução Russa, em um contexto no qual os próprios trabalhadores encampavam suas próprias lutas no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

BARTZ, Frederico Duarte. “Abílio de Nequete (1888-1960): os múltiplos caminhos de uma militância operária”. **História Social**, vol. 14/15, 2008.

BRANDÃO, Octávio. **Combates e batalhas**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

CARONE, Edgard. **Classes sociais e movimento operário**. São Paulo: Ática, 1989.

CARONE, Edgard. **Leituras marxistas e outros ensaios**. São Paulo: Xamã, 2004.

CHILCOTE, Ronald. **Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

CORDEIRO, Cristiano. “Depoimento a Ricardo Noblat”. **Memória e História**, n. 2, 1982.

DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Edaglit, 1962.

DULLES, John Foster. **Anarquistas e comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

JOFFILY, Mariana. **O socialismo na França e no Brasil durante a II Internacional Socialista (1889-1918)**. São Paulo: Alameda, 2012.

PEREIRA, Astrojildo. “Não nos assustemos com o debate”. **Movimento Comunista**, n. 3, março, 1922.

PETERSEN, Sílvia; LUCAS, Maria (orgs.). **Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937)**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.



REBELO, Apolinário. **Jornal A Classe Operária**: aspectos da história, opinião e contribuição do jornal comunista na vida nacional. São Paulo: Anita Garibaldi, 2003.

SILVA, Michel Goulart da. “Uma análise da historiografia acerca da trajetória de Everardo Dias”. **Revista de Estudios Históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña**, vol. 6, n. 2, 2014.

SILVA, Michel Goulart da. “Os comunistas e a Maçonaria no Brasil”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 9, n. 26, 2022.

SILVA, Michel Goulart da. **Entre a foice e o compasso**: imprensa, socialismo e maçonaria na trajetória de Everardo Dias na Primeira República (Tese de Doutorado em História). Florianópolis: UFSC, 2016.

SILVA, Michel Goulart da. “Os primeiros passos do comunismo no Brasil”. In: SILVA, Michel Goulart da (org.). **Revolução Russa**: passado e presente. São Paulo: Todas as Musas, 2017.

VINHAS, Moisés. **O Partidão**: a luta por um partido de massas. São Paulo: Editora Hucitec, 1982.

ZAIDAN FILHO, Michel. **Comunistas em céu aberto (1922-1930)**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

ZAIDAN FILHO, Michel. **PCB (1922-1929)**. São Paulo: Global, 1985.



## **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)**

Ano IV | Volume 9 | Nº 27 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

### **Editor chefe:**

Elói Martins Senhoras

### **Conselho Editorial**

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### **Conselho Científico**

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima